

BENZEDEIRAS E BENZEDORES CHIQUITANAS(OS) NA ESCOLA: TEMPOS DE FISSURAS NA COLONIALIDADE DO SABER

GT 16: TRABALHO E EDUCAÇÃO

Trabalho completo

Elidiane Martins de BRITO SILVA¹ (Docente da rede estadual/Rondonópolis/Mato Grosso)

elimarbri2008@hotmail.com

Edson CAETANO² (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

caetanoedson@hotmail.com

Resumo

O objetivo desse texto é apresentar uma experiência formativa realizada na Escola Estadual 13 de Maio, situada no espaço urbano de Porto Esperidião-MT, como instrumento pedagógico para fomentar novas formas de ensino, de aprendizado, de cuidado e de cura que se entrecruzam no ofício tradicional da benzeção Chiquitana. As análises realizadas partem das discussões coletivas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE-UFMT) e da proposta investigativa concluída em 2024 intitulada “Benzeção, saberes e re-existência do povo indígena Chiquitano no espaço urbano de Porto Esperidião (MT)”. Adotamos como metodologia a pesquisa participante (oficinas formativas) e o método materialismo histórico-dialético que nos permite compreender a realidade concreta a partir das experiências costumeiras das benzeadeiras e dos benzedores Chiquitanas(as) no contexto urbano. Conclui-se que, é possível transpor os saberes indígenas Chiquitanos para dentro da escola no sentido de propor reflexões sobre outros modos autênticos de produzir pedagogias que fundamentam a episteme da sensibilidade/percepções sensoriais em contraste com as formas/conceitos prescritos pelo eurocentrismo.

Palavras-chave: Benzeção. Saberes Decoloniais. Povo Indígena Chiquitano.

1. Introdução

Os diálogos e a propositura de outras epistemologias aqui apresentadas partem de reflexões coletivas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre trabalho e Educação (GEPTE), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT). Como também dos dados empíricos produzidos a partir da pesquisa de doutoramento concluída no ano de 2024 intitulada “Benzeção, saberes e re-existência do povo indígena Chiquitano no espaço urbano de Porto Esperidião (MT)”³.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE/PPGE/UFMT). Professora da Rede Pública do Estado de Mato Grosso (SEDUC/MT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9002948376707479>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7684-1314>.

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, Brasil. Atua no curso de Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0586786960992214>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9906-0692>.

³ A referida pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, conforme as normas do Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), por se tratar de uma pesquisa com populações indígenas, recebendo a aprovação no Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso, sob parecer 5.904.356 – CAAE: 62418122.4.0000.5690 - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – Plataforma Brasil, em 27 de fevereiro de 2023.

Na região sudoeste do Estado de Mato Grosso o povo indígena Chiquitano habita a Terra Indígena Portal do Encantado (demarcada no ano de 2010), a aldeia Vila Nova Barbecho (Terra Indígena ainda a ser demarcada) e os espaços urbanos dos municípios Porto Esperidião, Vila Bela da Santíssima Trindade, Pontes e Lacerda e Cáceres. Importante salientar que este Estado não deve equivocadamente ser considerado “O Estado do Agronegócio”, mas espaço de produção de vida das comunidades tradicionais e dos povos indígenas.

Consideramos que a benzeção Chiquitana engendra-se mediante a abordagem da produção da existência humana a partir do trabalho (Marx e Engels, 2007) como também a elaboração, recriação e partilha dos saberes⁴ tradicionais dos povos originários e comunidades tradicionais. Nossas análises partem do método materialismo histórico-dialético enquanto conjectura material e imaterial dada a realidade concreta como propõe Frigotto (1989).

A finalidade deste texto é apresentar uma experiência formativa desenvolvida na escola⁵ como possibilidade de propor novas formas de ensino, de aprendizado, de cuidado e de cura que se entrecruzam no ofício tradicional da benzeção Chiquitana. Esses novos modos de produzir outras pedagogias (Arroyo, 2017) são construídos por outros sujeitos sociais que não são chancelados pela academia e pelo saber eurocêntrico, por isso revela-se como uma educação não escolar urdida na decolonialidade⁶ (Walsh, 2015), na insurgência e na valorização/preservação da continuidade da vida que pulsa nos seres humanos, na natureza e no sagrado. Caetano, Silva e Brito (2023, p. 629), consideram que “essa educação não escolar não está condicionada aos conhecimentos escolares/acadêmicos ou seguem os currículos projetados a partir da matriz ocidental do conhecimento científico”.

Carneiro da Cunha (2009, p. 79) compreende a dissensão entre os saberes tradicionais e conhecimento científico como:

O conhecimento tradicional opera com unidades perceptuais, o que Goethe defendia contra o iluminismo vitorioso. Opera com as assim chamadas qualidades segundas, coisas como cheiros, cores, sabores... no conhecimento científico, em contraste, acabaram por imperar definitivamente unidades conceituais. A ciência moderna hegemônica usa conceitos, a ciência tradicional usa percepções. É a lógica do conceito em contraste com a lógica das qualidades sensíveis.

⁴ Albuquerque (2020, p. 30-31) conceitua os saberes como situações de comunicação e de aprendizagem, levando em conta que “os saberes são forjados no seio das próprias experiências humanas, entendidas estas como fundamentais para a produção e perpetuação da vida social [...]”.

⁵ Essa proposta interventiva foi realizada no mês de abril de 2023 na Escola Estadual 13 de maio, situada no espaço urbano de Porto Esperidião-MT, cidade considerada parte da Chiquitania brasileira. As oficinas formativas foram ministradas por oito pessoas (benzedoras, benzedores e pessoas da comunidade escolar).

⁶ Walsh (2015) considera que as pedagogias decoloniais são práticas formativas que emergem a partir da produção das existências dos coletivos com base em outras maneiras de ser, de lutar, de viver e de pensar o mundo.

Em tempos de crises climáticas, ambientais e da própria sociedade moderna consideramos imprescindível nos conectarmos novamente aos saberes tradicionais e as medicinas ancestrais para não sucumbirmos ao sistema-mundo-moderno. Diante desses dilemas da atualidade, elaboramos coletivamente com as benzedoras e os benzedores Chiquitanas(os) residentes no espaço urbano de Porto Esperidião-MT uma proposta interventiva na escola a partir da ministração de oficinas formativas sobre o ofício tradicional da benzeção e da feitura de remédios caseiros elaborados criativamente a partir das existências e dos quintais urbanos dessas pessoas. Por meio dessas oficinas objetivamos “fissurar” a colonialidade do saber (Quijano, 2005), pois oportunizamos coletivamente às(aos) estudantes a compreensão de uma outra perspectiva formativa, pautada na produção da vida, na cultura e na sabedoria ancestral das benzedoras e dos benzedores Chiquitanas(os).

2. A benzeção Chiquitana como alternativa tradicional de cuidado-cura

O ofício tradicional da benzeção é uma prática social que produz educação não escolar a partir dos saberes de cuidado⁷ e cura. Entendemos que a educação não escolar acontece além dos muros escolares urdida principalmente na experiência vivida e costumeira (Thompson, 1981) de pessoas e grupos sociais subalternizados que elaboram criativamente seus modos próprios de produzir aprendizados, ensinamentos e curas baseados nas existências concretas de vida. Conforme Brandão (2007, p. 14) “O homem que transforma, com o trabalho e a consciência partes da natureza em invenções de sua cultura aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior dessa cultura em situações sociais de aprender-ensinar-aprender: em educação”.

Já o curar segundo Campello e Luz (2012, p. 80) refere-se à ação de “restabelecer de modo permanente a ordem natural do organismo dos sujeitos, isto é, eliminar todas as manifestações que indicam alteração nas sensações e funções que são próprias ao homem”. Desse modo, uma pluralidade de saberes é mobilizada ao conceder a cura a uma pessoa e possibilitar que a sua saúde seja reestabelecida.

Oliveira (1985, p. 46) entende a benzeção “como uma estratégia social e política que as pessoas utilizam na vida cotidiana”, pois essa prática de resistência é autenticamente elaborada

⁷ A postura de cuidar pode ser entendida como “comportamentos e ações que envolvem conhecimento, valores, habilidades e atitudes, empreendidas no sentido de favorecer as potencialidades das pessoas para manter ou melhorar a condição humana no processo de viver e morrer” (Coelho e Fonseca, 2005, p. 216).

pelas pessoas frente à mercantilização da saúde e da própria vida. Considerando que as doenças provêm das condições materiais de existência das pessoas (falta de alimentação básica e/ou saudável, moradia, água potável, saneamento básico etc.). Por isso ressaltamos que a benzeção é uma pedagogia insurgente e de Bem Fazer (Brito, 2022) elaborada coletivamente no processo de enfrentamento ao adoecimento humano e, simultaneamente resiste as amarras que lhes foram impostas pela estrutura colonial dominante.

Compreendemos a benzeção enquanto uma educação não escolar que valoriza a experiência dos sujeitos como meio de emancipação social e construção de uma consciência crítica frente a inconformidade de aceitar as coisas como elas são, ou seja, a perpetuação dos sistemas de opressão, subalternização, discriminação e do esvaziamento do sentido nas sociabilidades. Em Porto Esperidião (MT) esse ofício também pode ser considerado uma estratégia de resistência cultural pois, se contrapõe aos desmandos do capitalismo e a hegemonia do eurocentrismo. Dessa maneira, esses homens e mulheres indígenas seguem na árdua luta pela preservação da natureza (rios, matas), fonte necessária para garantir a feitura de seus remédios caseiros e pela visibilidade social de seus saberes e fazeres curativos na cidade coexistindo desse modo com outras formas de atendimento à saúde e a educação (Brito Silva, 2023, p. 18).

As benzedeadas e os benzedores Chiquitanas(os) que vivem no espaço urbano dessa cidade ofertam um trabalho à sociedade local em favor da saúde coletiva de forma solidária e gratuita. Esse ofício tradicional é permeado pelo cuidado e pela intermediação da cura. Neste contexto social o ato do cuidado revela-se em atitudes como prevenção de possíveis doenças (autocuidado), cuidado com o Outro (conselhos, escuta atenciosa, diálogo) e com a natureza (denúncias do desmatamento, da pesca predatória, da instalação das Pequenas Centrais hidrelétricas no rio Jauru sem estudos quanto aos impactos socioambientais etc). Importante salientar que essas pessoas na cidade também utilizam os seus quintais como espaços de produção/experimentos de remédios caseiros e de salvaguarda das plantas medicinais locais.

A intermediação da cura ancora-se na concepção de que há potência curativa na palavra por meio das rezas sussurradas, na sovação (massagem), na ingestão de remédios caseiros e nos banhos que são outras possibilidades de enfrentar o processo de adoecimento. As benzedeadas e os benzedores Chiquitanas(os) não se autodeclaram curandeadas ou curadores, mas pessoas que estabelecem relações bem próximas com Deus, os anjos, os santos católicos e os espíritos ancestrais (mensageiros e/ou almas benzedoras) que as(os) auxiliam no processo de promoção de cuidado-cura as pessoas benzidas desse contexto urbano.

Mignolo (2017) apresenta potentes reflexões ao analisar que ainda no século XXI percebe-se a latência da colonialidade (processo ocorrido desde à invasão das Américas) ainda



atuando de maneira desenfreada por meio do capitalismo que decepa qualquer forma de vida/humanidade por meio das atividades competitivas, individualistas que esse sistema econômico promove, pois, o próprio homem transformou-se em mercadoria. O autor afirma que o Novo Mundo nunca existiu, ele foi inventado, mapeado, apropriado e explorado em nome do progresso e do desenvolvimento sob os pilares formativos da missão cristã e integracionista. Para contemplar os interesses dos europeus foi montada uma matriz colonial de poder (MCP) que se fundamenta a partir do controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, do conhecimento e da subjetividade.

Dessa maneira, compreendemos que a benzeção é uma pedagogia de cuidado-cura que não segue os moldes e as formas da educação eurocentrada, proveniente do fundamento referencial da Europa que se baseia em unidades conceituais. Essa educação escolar urde-se a partir da cultura, das percepções sensoriais e da valorização de todas as humanidades existentes no universo, ou seja, elabora e recria seus modos próprios de ensinar, de aprender e de curar. A benzeção Chiquitana é uma entre tantas outras alternativas epistemológicas de cuidado, de cura, de educação presentes no Brasil, na América Latina e no mundo.

3. Oficinas formativas de benzeção e feitura de remédios caseiros na escola

Esse espaço é reservado para partilhar outras ideias e outros processos formativos que ocorrem além das escolas, universidades, bibliotecas, laboratórios etc. A referida proposta interventiva teve como finalidade principal a contribuição intercultural crítica⁸ para o diálogo epistemológico entre os conhecimentos escolares e os saberes e fazeres curativos das benzedoras e benzedores Chiquitanas(os) no contexto sociocultural de Porto Esperidião (MT). Intervenção pedagógica que oportunizou a construção de uma abordagem pautada no reconhecimento, na valorização e na potente problematização dos saberes indígenas locais dentro da escola, materializando-se assim em uma alternativa de transformação da realidade experienciada de todas e todos as(os) envolvidas nessa proposta (estudantes, benzedoras, benzedores, professora regente, pesquisadora e comunidade escolar).

Inicialmente elaboramos coletivamente (benzedores, benzedoras, pesquisadora e professora regente) um projeto de intervenção na escola intitulado “Saberes Tradicionais das

⁸ Sobre a interculturalidade crítica Candau (2020, p. 681) considera que essa postura crítica e política “[...] também questiona fortemente o eurocentrismo. Afirma a pluralidade epistêmica presente nos diversos grupos humanos. Desenvolve uma visão da história multifacetada e plural, que não pode ser reduzida a uma linearidade. Reconhece as contribuições do eurocentrismo, mas nega sua universalidade”.

benzedoras e benzedores Chiquitanas(os) como possibilidade de educação, de cuidado e cura”. Uma iniciativa de ruptura e abertura de “gretas” no ensino institucionalizado que se direciona mediante os conceitos e as formas de forma rígida e arcaica. Dessa maneira, esse sistema monocultural decide hegemonicamente quem está habilitado para ensinar e quem não está chancelado pela academia para ocupar esses espaços do ensino. Walsh (2019, p. 106) apresenta o termo *gretas* como possibilidades pedagógicas e insurgentes frente a estrutura colonial dominante, fissuras emergidas em diferentes espaços sociais e que oportunizam o aprender e o ensinar alinhados à cultura da vida e às lutas sociais, pois resistem e “desafiam, transgridem, interrompem e deslocam o sistema dominante”.

Foram planejadas previamente e ministradas três oficinas com a presença das benzedoras e benzedores Chiquitanas(os) com as(os) estudantes matriculadas(os) nas turmas do 7º ano B (ensino fundamental), 1ª série B e 2ª série B (ensino médio) da Escola Estadual 13 de maio, situada no perímetro urbano de Porto Esperidião (MT), totalizando 75 estudantes que participaram das oficinas.

A presença das benzedoras e dos benzedores dentro da escola protagonizando os seus saberes tradicionais de cura e de cuidado como também a problematização do seu ofício da benzeção na cidade demonstrou que essas pessoas sofrem nesse contexto urbano discriminação, opressão, preconceito e intolerância religiosa por uma parcela da sociedade local. Como mencionado por Dona Manoela em uma oficina:

Porque eu falo assim: “Ele só reza”! Porque uma pessoa vai lá e ele vai rezar. E às vezes com a ajuda dos santos, porque tem todos os nomes nas imagens. É Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima e depende de você ter fé nessa imagem. Um benzedor, ele não é macumbeiro, ele reza! E aí vem os pedidos à Deus: “Que Deus dê a cura”! (Oficina formativa 2º ano B, Escola Estadual 13 de maio, Porto Esperidião, 11/04/23).

E o benzedor Roque complementou:

Eu que benzo para mau-olhado não faço outra coisa, eu passo um remédio caseiro que serve pra tomar. Eu não faço mal para ninguém. Ele ali não faz também. Eu benzo e confio em Deus e aí a pessoa daqui um pouquinho já sai melhor. Por quê? Porque tem fé em Deus, porque confia e tem a fé. Eu não faço maldade, eu não faço outra coisa, só benzo ele, rezo e peço a cura! (Oficina formativa 2º ano B, Escola Estadual 13 de maio, Porto Esperidião, 11/04/23).

As falas acima denunciam as situações discriminatórias que essas mulheres e homens que exercem o ofício da benzeção sofrem nessa cidade, uma realidade vivida que questiona os modos de produzir saberes e fazeres curativos associados por uma parcela da sociedade ao



espaço do mal, da feitiçaria, do saber ineficaz e falso. Mesmo diante de tantas injustiças sociais que se revelam em termos pejorativos essas pessoas seguem construindo suas epistemologias alinhadas à valorização vida, ao aprofundamento sensível das relações sociais e à constante conexão com a natureza e com o sagrado ao produzir suas sabedorias ancestrais.

Nos momentos das oficinas formativas as(os) estudantes puderam observar, tocar, cheirar as plantas medicinais que foram apresentadas pelas benzedoiras e benzedores Chiquitanas(os) como formas outras de produzir remédios a partir de seus quintais que são espaços de experimentação e elaboração tradicional de cuidado-cura. As outras culturas do trabalho que se entrecruzam no ofício da benzeção também foram debatidas com o público presente como as sovações (massagens) e os partos (realizados quando não é possível o acesso ao atendimento médico local).

As(os) estudantes puderam compreender que além das prateleiras das farmácias existem outros espaços que também produzem curas como os quintais por meio do plantio, do cultivo e da colheita de plantas medicinais. Os lábios que sussurram as rezas, as mãos que benzem e sovam as partes adoecidas do corpo humano são sempre acompanhadas de muita escuta atenta, de diálogo, de aconselhamentos de autocuidado e zelo com a própria Mãe Natureza. Ressaltamos que em nenhum momento das discussões essas benzedoiras e benzedores desqualificaram a eficácia da medicina oficial e do saber institucionalizado, simplesmente promoveram a abertura de outras concepções de cuidado com a vida humana e de outras educações que muitas vezes são desconsideradas no contexto escolar.

Além do trabalho pago e alienado proposto pelo capitalismo existe uma pluralidade de outras culturas do trabalho pautadas na perspectiva ontológica-histórica que ancora-se na tradição e nas experiências costumeiras de um determinado grupo social conforme postula Palenzuela (1995). Esses grupos sociais produzem as suas existências nas franjas da sociedade, ou seja, ainda ocupam os espaços sociais da invisibilidade e da subalternidade no tempo presente. Importante ressaltar que é impossível pensar as discussões sobre a essencialidade dos saberes ancestrais de cuidado-cura na escola sem a presença das benzedoiras e dos benzedores Chiquitanas(os), pois esses saberes lhes pertencem e essas pessoas elaboram e recriam a partir de seus saberes e fazeres a saúde coletiva na cidade que complementa o atendimento médico local. Em tempos de crises ambientais, climáticas e inclusive civilizacional é pertinente o saber institucionalizado dialogar respeitosamente com os saberes ancestrais locais para que não sucumbamos ao sistema-mundo-moderno que é cruel, avassalador e desumano.

Considerações finais

Buscamos apresentar a partir dessas breves reflexões que no ofício tradicional da benzeção Chiquitana saberes são produzidos, recriados e partilhados para a promoção da educação não escolar que acontece a partir das experiências (Thompson, 1981) desses benzedores e benzedoras indígenas no cotidiano dessa cidade. Mediante essa perspectiva ampliada da educação (Caetano, 2011) constatamos que há uma complexidade na corporeidade de suas práticas de cuidado-cura, esses homens e mulheres que exercem a benzeção e elaboram seus próprios modos de cuidar, ensinar, aprender e intermediar a cura a partir de diálogos com a natureza, com Deus, com os santos católicos e com os seres não humanos.

A realização das oficinas sobre a benzeção e a feitura de remédios caseiros na escola possibilitou a compreensão de uma outra perspectiva formativa, pautada na produção da vida, na cultura e na sabedoria ancestral das benzedoras e benzedores Chiquitanas(os) pois, no contexto escolar as(os) estudantes costumam elaborar conhecimentos a partir dos livros didáticos e de exercícios repetitivos. Assim, nessa proposta todas e todos puderam experimentar outras possibilidades pedagógicas a partir da interação com a cultura Chiquitana e do produzir saberes entrecruzados na produção da vida mediante as percepções sensoriais que dão novos sentidos ao aprendizado (se solidarizar com os benzedores e benzedoras e reconhecê-los como sujeitos produtores de saber e de saúde coletiva, cheirar as plantas, tocar, observar, escutar e dialogar). Essas outras lógicas de produção de saberes vivenciadas, recriadas e partilhadas pelas benzedoras e benzedores Chiquitanas(os) fincadas na tradição, na cultura, história e nas experiências costumeiras Chiquitanas.

Entendemos que essa proposta formativa na escola abriu fissuras no saber institucionalizado que é rígido e arcaico, propomos conforme a decolonialidade a desconstrução de padrões impostos pelo sistema colonial aos povos indígenas da América Latina. Ocupamos a escola no sentido de protagonizar outros atores sociais, outras vozes, outros pensamentos, outras pedagogias e práticas que historicamente foram silenciadas e/ou apagadas pela estrutura montada pelo capitalismo, pela eurocentrismo e pela modernidade.

Por fim, na Chiquitania de Porto Esperidião (MT) o trabalho do benzer é fluído e construtor de educações alinhadas à valorização da natureza e própria da vida, ou seja, à todas as humanidades existentes, à leveza de produzir e organizar a vida visando o Bem Comum, o coletivo. Afinal, no desvelar da arte de viver depositamos forças, intenções e sobretudo

investimos o nosso tempo de vida, produzindo desse modo, cuidados, curas e saberes resistentes e ancestrais.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. Religião, Cultura e Educação: modos outros de ensinar e aprender. In: MACHADO, Edina Fialho; SILVA, Cristiano Silva da; ALMEIDA, Fernando Octavio Barbosa de; FERREIRA, Diana Lemes (orgs.). Pedagogias e sujeitos em conexão. Curitiba: CRV, 2020. p. 23-44.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Outros sujeitos, outras pedagogias. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRITO, Flávia Lorena. A amorosidade essencial e o bem fazer: educação não escolar nas práticas de benzeção do quilombo de Mata Cavallo. 2022. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2022.

BRITO SILVA, Elidiane Martins de. A benzeção Chiquitana: diálogos possíveis entre trabalho, saberes e práticas educativas. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, 31ª edição, 2023, Cuiabá. Anais do 31º Seminário de Educação (SemiEdu): a educação e seus atuais labirintos: qual educação? Com e para quem? Com qual escola? Cuiabá, Instituto de Educação, 2023. Disponível em: https://setec.ufmt.br/eventos/semiedu2023/wp-content/uploads/2024/08/_15_Semiedu23_Volume_15_public_01.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.

CAETANO, Edson. Considerações sobre o binômio trabalho e educação: um olhar pantaneiro. Revista Trabalho Necessário, Rio de Janeiro, ano 9, n. 13, edição especial, p. 1-17, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6848>. Acesso em 20 set. 2024.

CAETANO, Edson; SILVA, Elidiane Martins de Brito; BRITO, Flávia Lorena. Curar, Aprender e Ensinar: A ancestralidade dos saberes da benzeção enquanto expressão de pedagogias decoloniais no Quilombo de Mata Cavallo. Revista de Educação Pública, [S. l.], v. 32, n. jan/dez, p. 613–637, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/14234>. Acesso em: 24 set. 2024.

CAMPELO, Maria Freire; LUZ, Hylton Sarcinelli. A racionalidade médica homeopática. In: MADEL, Therezinha Luz.; BARROS, Nelson Filice de. (Orgs.). Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas em Saúde Estudos teóricos e empíricos. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS, 2012. p. 73-102.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, Educação Intercultural e Decolonialidade: temas insurgentes. Revista Espaço do Currículo (online), v.13, n. Especial, p. 678-686, dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949>. Acesso em: 20 set. 2024.



CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Cultura com aspas: e outros ensaios. Revista USP, São Paulo, n. 75, p. 76-84, 2009. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1jfU_SNxWOG6e6Ed2sV7Ken62laJwXxj2/view?usp=sharing. Acesso em: 22 set. 2024.

COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Pensando o cuidado na relação dialética entre sujeitos sociais. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 58, p. 214-217, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/9tS7nTM6Yyn7ks7F6Y9Hh8q/>. Acesso em: 16 set. 2024.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão. São Paulo: Boitempo: 2007.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, junho, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2024.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. O que é Benzeção. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1985.

PALENZUELA, Pablo. Las culturas del trabajo: Una Aproximación antropológica. Sociología del Trabajo, nueva época, n. 24, p. 3-28, 1995.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WALSH, Catherine. Notas pedagógicas desde las grietas decoloniales. Clivajes - Revista de Ciencias Sociales, Veracruz, México, año 2, n. 4, p. 1-11, jul./dic. 2015. Disponível em: <https://clivajes.uv.mx/index.php/Clivajes/article/view/1742>. Acesso em: 21 set. 2024.

WALSH, Catherine. Gritos, gretas e sementeiras de vida: Entretences do pedagógico e do colonial. In: SOUZA, Sueli Ribeiro Mota; SANTOS, Luciano Costa (Orgs.). Entre-linhas: educação, fenomenologia e insurgência popular. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 93-120.